

Por Caroline Martin
Especial para *O Papel*

GUILHERME BALCONI / ABTCP



ESTUDANTE APAIXONADA PELO SETOR É RESPONSÁVEL PELO TRABALHO TÉCNICO DE MELHOR AVALIAÇÃO PELO COMITÊ CIENTÍFICO DO ABTCP 2014

Conheça mais sobre a história da engenheira ambiental Larissa Quartaroli, mestre em Ciências Florestais e doutoranda em Engenharia Civil que sonha em ingressar na indústria de celulose e papel para proporcionar contínuas melhorias no processo fabril

A escolha pela graduação em Engenharia Ambiental passou longe das incertezas típicas da fase pré-vestibular. Desde bem cedo, a engenheira ambiental Larissa Quartaroli, de 27 anos, sabia a escolha profissional que iria fazer. “Nasci respirando eucalipto. Meu pai trabalha na indústria florestal há mais de 40 anos, e eu sabia que seguiria o mesmo caminho”, conta ela, hoje já mestre em Ciências Florestais pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), no Paraná, e doutoranda em Engenharia Civil – Saneamento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais.

Nascida em Agudos (SP), Larissa deixou a cidade natal em 2006 para tornar-se caloura do curso de graduação oferecido pela Unicen-

tro, em Irati (PR). Apesar da proximidade e do gosto pessoal pela natureza, a estudante se surpreendeu com as inúmeras possibilidades apresentadas no curso de Engenharia Ambiental. “Era uma graduação recém-lançada, e eu não tinha muita noção da amplitude das matérias que teria. Foi na prática, já dentro da faculdade, que me apaixonei pela área de tratamento de efluentes, à qual comecei a me dedicar”, lembra ela sobre o andamento do curso e o direcionamento que tomou.

Daí em diante, foi um passo entre a graduação e o mestrado. Logo que concluiu a faculdade, Larissa aproveitou a oportunidade de iniciar o mestrado na área de Ciências Florestais na própria Unicentro. Foi nessa mesma época que o ramo industrial também começou a despertar o interesse da jovem. “Apaixonada pelo chão de fábrica”, como ela mes-

ma diz, a busca por soluções de problemas existentes no dia a dia operacional é o que fascina Larissa. Não à toa, a solução para um gargalo comum na indústria de celulose e papel acabou se transformando no tema de seu mestrado (sob orientação dos professores Jeanette Beber de Souza e Carlos Magno de Sousa Vidal), considerado pelo 47.º Congresso Internacional de Celulose e Papel – ABTCP 2014 como o melhor trabalho técnico.

Confira os detalhes de seu trabalho, intitulado “Avaliação da flotação por ar dissolvido como alternativa de pré-tratamento de efluente da indústria de celulose e papel submetido a sistemas de membranas de microfiltração”, na Reportagem de Capa desta edição.

Realizado em parceria com uma fábrica de celulose de grande porte, o trabalho fortaleceu a ligação de Larissa com o setor. “Infelizmente, essa indústria ainda vem sendo tratada como vilã do meio ambiente, mas isso já não condiz com a realidade. Os avanços na área ambiental têm permitido atualizações e constantes melhorias na atuação sustentável das empresas”, avalia ela, ao falar da experiência como engenheira ambiental no setor de celulose e papel. “Hoje em dia, não só as pesquisas têm avançado, mas também a consciência ambiental das pessoas tem se fortalecido. Já está claro que não há alternativa a não ser cuidar dos recursos naturais da forma adequada e fazer o melhor uso deles. Isso acaba se tornando uma ação em conjunto. Por isso, vemos que as tecnologias usadas pela indústria melhoraram. O consumo atual de água, por exemplo, nem se compara àquele visto há alguns anos”, completa.

Sobre o destaque como o artigo técnico mais bem avaliado do ano, Larissa reflete: “Nunca imaginei que fosse ficar entre os melhores, mas certamente foi uma surpresa agradável ver o reconhecimento pelo interesse na contínua busca por melhorias”. Contente com a conquista, ela não deixa de evidenciar os méritos da própria indústria, que já toma os devidos cuidados para uma conduta ambientalmente correta e não abre mão da busca por outras formas de melhorar os processos.

A decisão de engatar o doutorado na UFV, em Minas Gerais, foi embasada no grande interesse de Larissa em atuar na indústria papeleira. “A UFV se destaca pelo melhor laboratório acadêmico da área de celulose e papel no País. Essa relevância no setor acabou levando à minha mudança para Minas, em busca de uma especialização na área”, revela ela sobre sua transferência, ocorrida em 2012.

Larissa também participa atualmente de um projeto

da Petrobras que envolve o tratamento de água de formação de petróleo. “Na prática, trabalho com remoção de nutrientes da água que vem do pré-sal”, explica. Ela ressalta que o breve desvio na trajetória acadêmica não a fez desistir de trabalhar em projetos voltados ao setor de celulose e papel. “Continuo no Laboratório de Celulose e Papel da UFV, em contato direto com o professor Claudio Mudado Silva, meu orientador do doutorado, que atua tanto na área de celulose e papel quanto na de meio ambiente. Então, por mais que o doutorado não seja relacionado ao setor, não perdi – nem pretendo perder – a ligação com essa indústria de que tanto gosto”, afirma ela, deixando bem claros seus interesses.

Após concluir o doutorado, no início de 2016, Larissa pretende ingressar de vez na indústria de celulose e papel. “Sou da área acadêmica, à qual me dedico muito, mas minha grande vontade é atuar como profissional da indústria antes de começar a lecionar. O setor é muito rico em informações e tem muito a oferecer, inclusive à minha vida pessoal. Quero ter essa bagagem prática para poder passar detalhes do dia a dia operacional aos meus futuros alunos”, conta ela, justificando seus planos.

O mercado de trabalho mostra-se favorável aos objetivos de Larissa, já que a necessidade de mão de obra qualificada aparece constantemente nas pautas do setor. O principal desafio, na visão dela, ainda são os enganos que comumente rondam a área de Engenharia Ambiental. “Como a profissão é muito recente, os cargos da área foram sendo ocupados por engenheiros de diversas formações, como os agrônomos e os químicos. Ainda é preciso enxergar os benefícios que os profissionais específicos podem trazer à indústria. De qualquer forma, creio que já está mudando a mentalidade dos players e amadurecendo o reconhecimento da importância do engenheiro ambiental.”

Larissa aprova a atuação da ABTCP na intermediação entre a indústria e os estudantes interessados em ingressar no mercado de trabalho. “Já conhecia a associação, que funciona também como um banco de dados muito interessante para a realização de pesquisas, mas nunca tinha participado de um congresso. Neste ano, pude inscrever meu trabalho e acompanhar o evento. É uma forma bem eficiente de fazer contatos e de se inteirar sobre os temas que estão sendo discutidos pelo setor”, avalia. “Para os estudantes, o Congresso é muito positivo, justamente por não se limitar ao universo acadêmico. Essa interação com o mercado, num cenário amplo, que reúne diversos players e fornecedores, é muito enriquecedora”, conclui ela sobre a experiência. ■

Larissa: “Para os estudantes, o Congresso é muito positivo, justamente por não se limitar ao universo acadêmico. Essa interação com o mercado, num cenário amplo, que reúne diversos players e fornecedores, é muito enriquecedora”